

DESESTIGMATIZAÇÃO DA LINGUA NÃO PADRÃO

Jales Pessoa de Amaral¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo colocar em foco uma das formas de preconceito mais presentes na sociedade brasileira, que não é devidamente reconhecido ou combatido, se trata do preconceito linguístico, exposto a seguir separado em três diferentes contextos na sociedade: O preconceito linguístico como forma de estratificação social, o preconceito linguístico nas escolas e o preconceito linguístico em relação ao próprio indivíduo falante e sua fala monitorada.

Palavras-chave: Preconceito linguístico. Informação. Variação linguística. Fala monitorada.

ABSTRACT

This article aims to focus on one of the more present forms of prejudice in Brazilian society, which is not properly recognized or fought, the linguistic prejudice, exposed then separated into three different contexts in society: The linguistic prejudice as a way of social stratification, linguistic prejudice in schools and linguistic prejudice against the individual speaker himself and his monitored speech.

Keywords: Linguistic prejudice. Information. Linguistic variation. Monitored speech.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduando do curso de Letras Português-Inglês da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX Serra.

Existem incontáveis formas de preconceito, mas um dos talvez mais praticados e menos discutidos é o preconceito linguístico.

Muitos tem a falsa ideia de preconceito se tratar apenas de racismo, homofobia, xenofobia dentre outros, e a ideia de preconceito acaba a se limitar apenas a esses tipos de atitudes que causam impacto imediato aos que sofrem por tais ações, o fato de não ser um dano visível ou perceptível no momento a quem o comete faz com que o preconceito linguístico seja ignorado, levando assim as pessoas a serem que a atitude de menosprezar, ridicularizar ou mesmo corrigir os outros por erros corriqueiros da fala as vezes se trate de algo benéfico para quem fala errado, pois assim, de alguma maneira se tem a chance de “aprender a falar certo.”

2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO-SOCIAL

Em um país multiétnico formado por influências dos mais variados povos e que desenvolveu uma cultura própria mesclando todas as outras culturas presentes em sua formação, o preconceito com a variante linguística é tão inadmissível quanto o preconceito racial ou qualquer outro.

Em cada região do país há características que tornam singulares seus habitantes, seja na fala, nos costumes, no vestiário..., muitas vezes ocorre que ao migrar para outra região e ter contato com grupos sociais ou culturais diferentes do que está habituado, o indivíduo acaba ficando em evidência, e durante esse período de transição acaba sofrendo estigma por suas origens e perdendo até suas identidades pessoais, isso acontece frequentemente com imigrantes vindos do nordeste brasileiro, onde há a predominância de indivíduos com pouco ou nenhum acesso à educação e/ou condições satisfatórias de sobrevivência, que buscam em outros estados, principalmente os do sul e sudeste um meio de vida melhor e acabam por ocupar profissões de pouco prestígio, reforçando ainda mais o estereótipo de “pessoas pobres são as que falam errado”.

Esse conceito é reforçado na medida em que a língua dita como socialmente correta é a utilizada pelas classes sociais de maior prestígio, tendo isso em consideração,

podemos afirmar então, que o preconceito linguístico não se resume à análise da fala de outra pessoa, na verdade, o preconceito linguístico também é um disfarce para o preconceito social, pois geralmente não é a língua da pessoa que é discriminada, mas a própria pessoa, onde se julga o poder aquisitivo e o prestígio social de um indivíduo utilizando sua linguagem como alvo das investidas críticas, sem levar em consideração é claro, as dificuldades que tais indivíduos dos mais variados grupos sociais enfrentam. Por exemplo, na medida em que apenas uma parcela da população (aquela que tem uma melhor condição econômica) tem acesso ao estudo da língua “correta”, enquanto a outra é considerada “sem língua”, pois a língua-padrão não engloba as variações, gírias, que representam o modo como essas pessoas falam, muitos dos falantes da variante padrão se acham no direito de apontar e corrigir desvios da fala do falante da variação popular, disparando ofensas como por exemplo: “você não sabe falar português”.

Essa afirmação se torna discutível a partir do momento em que se se faça uma análise do discurso e a finalidade da fala. Se a fala é o principal meio de comunicação, e um indivíduo, apesar de alguns desvios gramaticais como troca de letras ou erros de gênero e plural, pode perfeitamente se fazer entender, não é certo então dizer que o mesmo não saiba como se comunicar por aquele canal.

O falante da língua nativa, mesmo que nunca tido o contato com o estudo da gramática da língua formal, tem internalizada toda a construção gramatical. Desde criança já temos uma gramática fixada em nossa mente, que se manifesta de acordo com o contexto em que vivemos, a língua é baseada na realidade do falante e da sociedade em que ele vive, um exemplo dessa gramática internalizada é o de raramente encontrarmos um adulto dizendo “o menina é bonito” ou “o praia é lindo”, pois há um conhecimento inato da concordância que o artigo deve ter com o gênero e número, assim como o adjetivo deve concordar com o sujeito, obvio que esses erros podem aparecer com mais frequência nas construções de frases das crianças, o que é explicável, pois se trata de suas fases de aprendizado.

Ainda se tratando do julgamento de um indivíduo por sua linguagem, Possenti (1996) comenta que:

As línguas fornecem também meios de constituição de identidade social. Por isso seria estranho, quando não ridículo, um velho falar como uma criança, uma autoridade falar como um marginal social, etc. Muitos meninos não podem usar a chamada linguagem correta na escola, sob pena de serem marcados pelos colegas, porque em nossa sociedade a correção é considerada uma marca feminina. As variações linguísticas são condicionadas por fatores internos da língua ou por fatores sociais, ou por ambos ao mesmo tempo (POSSENTI, 1996, p.35).

Há também o caminho inverso do preconceito linguístico em âmbito social, pois da mesma maneira que os usuários da variação padrão lidam de forma intolerante ao uso da linguagem popular, os falantes das variações de pouco prestígio também tem o preconceito por parte da variação prestigiosa, pois essa diferença leva consigo não apenas o modo diferente de falar, mas representa também o abismo que se forma entre as classes sociais de prestígio e a classe popular, que suporta o peso de toda essa estratificação social transportada para a língua.

3 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA

No ambiente escolar, é perceptível que nas salas de aula, o domínio da gramática prevaleça, mas, a maneira como a variação padrão da língua é passada aos estudantes, como sendo “a certa” motiva também preconceito linguístico. Este tipo de preconceito é sustentado pelos meios de comunicação em massa, em livros, manuais de como falar bem e outras mídias.

Constantemente vemos reportagens que retratam a violência nas escolas, até mesmo em novelas costuma-se abordar a polêmica do *bullying* em seus espaços comunicativos, e se levanta a bandeira para combatê-lo assim com outras formas de preconceito, no entanto, essas campanhas não mostram que o preconceito linguístico é uma forma de *bullying*. Podemos destacar por exemplo: um jovem da zona rural muda-se para a cidade. Ele traz consigo o seu dialeto regional. Matricula-se em uma unidade de ensino cuja clientela estranha o seu modo de falar e começa o sarcasmo, zombaria. Se não acontecer uma intervenção pedagógica, ou seja, do professor em conscientizar os alunos que a fala do jovem não é errada, mas, diferente; possivelmente, sentindo-se ridicularizado diante daquela sociedade, o jovem

abandonará seus sonhos, seus estudos. Tarallo (1994), sobre a imposição de uma variação linguística sobre outra comenta:

Muitas vezes, a escola tenta impor ao falante uma variante da língua que é comum a todos os brasileiros, mas esquece que a padronização de uma língua serve mais diretamente à modalidade escrita, fundamentalmente aprendida na escola. A diversidade linguística imprime uma condição especial à modalidade falada, porque a língua carrega as variações condicionadas por inúmeros fatores que, por sinal, são essencialmente mais sociais e culturais do que propriamente linguísticos, tais como: a faixa etária, o gênero, a situação socioeconômica, o grau de escolarização etc. (TARALLO, 1994, p. 11-12).

Levando em consideração que a educação de qualidade ainda é definitivamente privilégio de poucos em nosso país, uma quantidade significativa de brasileiros permanece à margem do domínio das formas prestigiadas do uso da língua, o reconhecimento da existência de muitas variedades linguísticas é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja conseqüentemente melhorado.

A não compreensão da concepção de língua padrão e língua não padrão aliada à ignorância quanto ao contexto social do falante gera a dificuldade em aceitar a linguagem do indivíduo e estimula até mesmo o julgamento inadequado por meio de sua fala.

Ocorre também a ideia de que “quem nasce no Brasil tem de saber falar o português correto”, descartando por exemplo, divergências comuns na linguagem que os brasileiros falantes do português cometem ao se expressar e que quando são reproduzidos por estrangeiros ao aprender a língua são totalmente ignoradas ou perdoadas. É o que explica Possenti (1996):

O preconceito é mais grave e profundo no que se refere a variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são históricas, culturais e sociais. Aceitamos que os outros falem diferente. Mas, não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente (POSSENTI, 1996, p.29).

O preconceito sofrido nas escolas reflete diretamente no desempenho do aluno, pois sem a motivação para se expressar, o rendimento pode começar a decair e as relações interpessoais que são necessárias nesse início de formação social do aluno podem ficar prejudicadas, pois, com medo de se comunicar e ser motivo de piadas e

chacotas, o aluno tende a ser mais reservado, resultando em um indivíduo solitário e sem vontade de interagir com os outros alunos.

4 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A FALA MONITORADA

Como resultado de todos os fatores ligados ao preconceito linguístico que se torna, como já dito, em muitas das vezes um reflexo do preconceito social, ou racial, entre outros, temos indivíduos que sentem vergonha de falar com os outros, se preocupam mais em acertar nas palavras do que em relação à mensagem que se tem a intenção de transmitir, a esse comportamento se dá o nome de fala monitorada.

O indivíduo sente vergonha da sua identidade social, e na maioria das vezes se prende a uma fala não natural, num esforço de se adequar de maneira forçada à norma padrão imposta da língua, o que o impede de realizar com clareza a principal atividade designada à fala, a comunicação.

Esse comportamento não só afeta as relações pessoais, como pode influenciar diretamente as relações interpessoais do indivíduo. O esforço em tentar transmitir de uma maneira ineficaz uma mensagem por achar que palavras mais difíceis ou menos pronunciadas pela maioria do círculo social que o falante tem contato irão causar uma melhor impressão pode causar catástrofes à autoestima do falante, por exemplo, ao ser questionado sobre o significado da palavra utilizada ou errando em sua aplicação na frase ou pronunciando de maneira errada.

Argumentando sobre o preconceito linguístico, assim como todo preconceito como uma forma de exclusão, pode-se imaginar os danos que o estigma de um indivíduo contra a própria fala pode causar a seu desenvolvimento social, seja em uma entrevista de emprego ou em um encontro formal, onde um diálogo bem construído é o principal critério de avaliação.

A insegurança aliada à falta de conhecimento também é um dos principais motivos para a falta de interesse desse do falante, por exemplo, em audiências jurídicas, sessões nas câmaras de vereadores, ou debates de projetos governamentais, onde um vocabulário mais técnico e trabalhado é utilizado, levando quem não tem contato

constante com aquele tipo de comunicação a se sentir desenformado, ignorante, rebaixado ou até mesmo excluído.

Quando o indivíduo não reconhece sua própria identidade, que nesse caso se toma por língua, ele acaba por deixar-se “desaparecer do mundo”, sua subjetividade dá lugar ao senso comum, e com isso, o que o torna único no meio de muitos vai sendo desprezado por se pensar que a característica própria é um fardo que precisa ser eliminado, sua herança cultural, os valores orais responsáveis por construir o dialeto próprio do grupo em que o indivíduo se formou tornam-se motivos de sua vergonha, e assim, ele tenta esconder do mundo quem ele é, por esse motivo o preconceito com a própria variação da língua é tão cruel quanto qualquer outro.

5 DESESTIGMATIZAÇÃO DA VARIAÇÃO NÃO PADRÃO DA LÍNGUA

O meio de combater o preconceito linguístico é assumir que sua prática é devastadora tal qual qualquer outro tipo de preconceito, levando assim esse assunto para a pauta dos projetos que já visam o combate ao preconceito racial e a homofobia, que já são constantemente executados em nosso país, pois se não aprendermos que não se deve menosprezar qualquer tipo de preconceito, seja ele qual for, nunca entenderemos a dimensão dos seus efeitos sobre os que têm de lidar com ele.

Uma abordagem mais dinâmica sobre o assunto deveria ser desenvolvida nas escolas, pois é de lá que sairão os responsáveis pela manutenção da nossa sociedade, as mentes abertas que forem formadas nas salas de aula abrirão mais mentes, e assim por diante, até que quem sabe um dia, a nossa sociedade esteja aberta às demasiadas diversidades e características incomuns que marcam essa nossa cultura tão rica e miscigenada.

Por fim, o ideal é que ocorra uma maior democratização da sociedade, onde todos tenham oportunidades iguais, reconhecendo e respeitando as suas diferenças, e acima de tudo, entendendo o significado do preconceito da maneira como deve ser: Querer conceituar algo sem que previamente haja um conhecimento sobre tal. A partir do momento em que se adquire o entendimento, percebe-se então, que o maior fruto a ser colhido é o respeito, ao invés da discriminação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se ao tentar disfarçar ou esconder seus vícios de linguagem o indivíduo acaba por ocultar também a cultura herdada em seu meio social, quais seriam as formas de preservar esses aspectos sem prejudicar suas relações com os demais para que não haja um estranhamento em sua maneira de falar?

A resposta para essa questão ainda deve ser debatida sob a influência de vários contextos e por várias pessoas das mais variadas classes sociais, pois não há uma maneira efetiva para alterar a forma de pensar de uma sociedade inteira já acostumada com esse tipo de preconceito, contudo, o início do caminho talvez possa ser a informação.

As pessoas têm preconceito daquilo que não conhecem, então obviamente, o caminho reverso para esse problema é reunir o conhecimento necessário e disseminá-lo dentro e fora das escolas, fazê-lo atingir a todas as partes da população, elevar a concepção de variação linguística ao ponto de ser debatida por integrantes de todas as classes sociais.

7 REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: ALB, Mercado de Letras, 1996.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1994.